

HOMENAGEM À HEROÍNA D. THEREZA CALDEIRA GARCIA (1914 – 1997)

Fernando de Souza Pedroza

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins; Salvador, BA, Brasil

Naquela manhã de primavera do dia 31 de outubro de 1951, de brisa amena e sol brilhante prenunciando um verão bem tropical, como de costume, pegamos o bonde na Praça da Piedade rumo à Praça da Sé, para assistir a mais uma aula de Anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia no Largo do Terreiro de Jesus.

Aproximava-se o final do ano e também das últimas provas da primeira série do curso médico.

Saltando do “elétrico”, no ponto em frente ao prédio da Companhia Linha Circular, ouvimos comentários esparsos acerca de um grande incêndio ocorrido na Faculdade de Medicina da Bahia e, ao atingir a esquina entre a Catedral Basílica e a Pastelaria Perez, pudemos constatar realmente com imenso espanto e tristeza que a ala do prédio, da sua porta principal até a rua Alfredo Britto, estava totalmente consumida pelo fogo.

Um extenso cordão de isolamento, providenciado pela Polícia Militar, impedia que qualquer pessoa transpusesse a rua, onde soldados do Corpo de Bombeiros, munidos de mangueiras, ainda faziam o rescaldo do madeirame e móveis incandescentes e dos equipos utilizados nas disciplinas do Curso de Odontologia.

Compreendia a ala incendiada: o andar superior que abrigava o Salão da Diretoria, onde foi fundada a Universidade da Bahia e por algum tempo abrigou a Reitoria, a secretaria e o arquivo. O pavimento térreo sediava os cursos de prática e metalurgia odontológicas, além do Anfiteatro Braga que havia sofrido recente remodelação.

Estava tudo lamentavelmente destruído!

Aos poucos aumentava o número de pessoas perplexas e curiosas que permaneciam em frente ao histórico edifício, indagando a causa daquele lamentável sinistro. Os estudantes de Medicina, Odontologia e Farmácia, como de costume, chegavam no horário das aulas do turno matutino, encontrando professores, funcionários e o próprio Diretor da Faculdade, Professor Dr. Eduardo Lins Ferreira de Araújo, todos visivelmente abalados e consternados com aquela infausta ocorrência.

Em dado momento um automóvel estacionou nas proximidades da Igreja de São Pedro dos Clérigos, naturalmente com a devida permissão dos policiais

responsáveis pela segurança do local, saltando dele os seus ocupantes, dirigindo-se em direção ao grupo que permanecia inarredável diante do histórico prédio.

Reconhece-se entre os caminhantes a figura austera, porém simpática, do Magnífico Reitor da Universidade da Bahia, o Professor Dr. Edgard Rêgo dos Santos, de semblante visivelmente abalado, face ao sucedido. Dirigindo-se aos presentes, solidarizou-se à tristeza que contagiava a todos, fez um pequeno relato de como tomara conhecimento do fato, afirmando, por fim, que as aulas seriam reiniciadas tão logo o prédio fosse liberado pela perícia técnica e sua reconstrução imediatamente executada para que, no prazo de um ano, a Faculdade fosse totalmente recuperada.

Naquele mesmo dia de 31 de outubro de 1951, quarta-feira, o vespertino “A Tarde” (hoje matutino), fez publicar a seguinte nota:

“INCÊNDIO NA FACULDADE DE MEDICINA – A CENTENÁRIA INSTITUIÇÃO TEVE VÁRIAS DEPENDÊNCIAS DESTRUÍDAS – O MINISTRO DA EDUCAÇÃO DETERMINOU QUE TODAS AS PROVIDÊNCIAS FOSSEM TOMADAS”.

Na extensa matéria do jornal, um sub-título tornou-se de suma importância para a bicentenária Faculdade de Medicina da Bahia do Terreiro de Jesus. Ei-la na íntegra:

“PODERIA TER SIDO EVITADO – Infelizmente ao que apurou a reportagem, os prejuízos, que não são pequenos, poderiam ser evitados, não fosse a incredulidade do Corpo de Bombeiros, pois, uma senhora, residente nas proximidades, às 24 horas, pressentindo que da Faculdade saia fumaça, comunicou pelo telefone ao Corpo de Bombeiros, a fim de que fossem tomadas providências imediatas. Entretanto, não acreditando na notícia, apesar da informante, residente na casa nº 9, D. Tereza Caldeira Garcia, dar o seu nome e também o número do telefone 6256, para que o oficial de dia solicitasse confirmação, lhe respondera que procurasse um guarda, pois somente assim tomariam providências. D. Tereza então ligou para a polícia e de lá lhe perguntaram se já havia se comunicado com o Corpo de Bombeiros. Enquanto isso, as horas corriam. Novamente a informante tornou a ligar para o Corpo de Bombeiros e já nesta ocasião, dizia que tomassem providências imediatas, pois as chamadas começavam a devorar o prédio.”

“Vendo que não lhe ligavam importância, procurou então se comunicar com os drs. Edgard Santos, Chastinet e Caribé, avisando o que estava acontecendo. À uma hora da madrugada então todos

Recebido em 10/10/2007

Aceito em 25/10/2007

Endereço para correspondência: Dr. Fernando de Souza Pedroza. Instituto Bahiano da Medicina e Ciências Afins. Largo do Terreiro de Jesus, FAMEB-UFBA, 40025-010 Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: fspedroza@terra.com.br.

chegavam ali juntamente com a polícia e o Corpo de Bombeiros.”

“FALTOU ÁGUA – Quando os “soldados do fogo” entraram em ação, tardiamente, as chamas já estavam bem adiantadas, faltando água em seguida, tendo os bombeiros usado a água do tanque existente no Terreiro”.

A perseverança, a responsabilidade e o abnegado amor ao patrimônio histórico demonstrados pela heróica providência de uma mulher chamada Thereza Caldeira Garcia, impediram que naquela madrugada de outubro de mil novecentos e cinquenta e um, o prédio da vetusta e gloriosa Faculdade de Medicina fosse inteiramente consumido por um indômito fogo que, certamente atingiria a Catedral Basílica de Salvador.

Nas comemorações dos duzentos anos da instalação dos cursos médicos no Brasil, Dona **Thereza Caldeira Garcia**, bem merece ser homenageada como “Grande Benemérita” da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, por sua decisiva ação da mais alta relevância.

O século XX, infelizmente, castigou a catedral primaz da medicina brasileira com três grandes catástrofes. Em pouco menos de quarenta e seis anos, dois tenebrosos incêndios ocorridos respectivamente em 1905 e 1951, quase destruíram completamente seu imponente edifício para, dois decênios após, ser tragada pelo mais nefasto e inconcebível dos abandonos, deixando-a em um deplorável estado de destruição que não permitirá nos seus duzentos anos a comemoração condigna que todo o Brasil esperava.